



George Orwell e o Jornalismo Literário: um estudo de “Na Pior em Paris e Londres”¹

Leonardo Lucena TREVAS²
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Em tempos de imediatismo e superficialidade textual, o Jornalismo Literário de George Orwell é uma luz-guia no oceano de mediocridade. Mais conhecido pelas obras de ficção distópica “1984” e “A Revolução dos Bichos”, Orwell tem também obras jornalísticas, profundamente influenciadas pela estética do Realismo. Nesse artigo, é estudado o seu primeiro romance-reportagem, “Na Pior em Paris e Londres”.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; realismo; literatura; george orwell; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

É comum, pelo menos no Brasil das últimas décadas, relacionar o autor George Orwell ao nome Grande Irmão. Desde o uso do adjetivo “orwelliano” até o reality show “*Big Brother*”, a influência na esfera cultural de sua ficção distópica “1984” e da fábula “A Revolução dos Bichos” é indiscutível. São obras ficcionais, publicadas sob a névoa da Segunda Guerra Mundial, que usam o recurso da metáfora para tratar do totalitarismo da União Soviética guiada por Josèf Stalin. Livros que diferentes camadas do espectro político refutam, aceitam, e discorrem sobre sua obra.

Mas Orwell é menos conhecido por seu trabalho como jornalista. Durante toda a sua vida, foi ensaísta, crítico literário, comentou sobre política. Suas primeiras obras são essencialmente jornalísticas em conteúdo e forma. Sustentou-se como escritor vendendo artigos para diferentes publicações, desde “jornalões” (“*The Observer*”), periódicos de esquerda (“*Tribune*”), e até mesmo como diretor de um programa de rádio para a British Broadcasting Corporation (BBC). Denominando a si próprio um socialista democrata, Orwell foi, politicamente, uma figura polêmica.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação do 8º período do Curso de Jornalismo da UNICAP, email: ltrevas@gmail.com



Vida

Eric Arthur Blair nasceu em 1903, em uma família de classe média inglesa, que à época morava na cidade de Motihari, em Bengal, Índia – então território colonial britânico. Seu pai, Richard, era funcionário público lotado no Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano. Sua mãe, Ida Mabel, uma francesa crescida na vizinha Birmânia, também colônia do Reino Unido. Pouco depois do seu nascimento, foi levado à Inglaterra por sua mãe, onde frequentou um pequeno colégio, até ser admitido na famosa *boarding school*³ de Eton, frequentada pela alta sociedade britânica. Lá, desenvolveu interesse pela literatura e também um forte desdém pela cultura escolar da época, bem retratada no artigo “*Such, Such Were the Joys*” (1952). Teve como professor outro ficcionista que seria conhecido pelas suas obras distópicas, Aldous Huxley⁴.

Crendo que não poderia continuar sua vida com uma confortável carreira acadêmica, após a graduação em Eton, Eric Blair escolhe a aventura. Inscreve-se como guarda da Polícia Imperial Indiana, e serve na Birmânia de 1922 a 1927. Esses anos no sudeste asiático mostraram-se fundamentais no desenvolvimento do caráter revolucionário de Blair. O senso de justiça que cultivava desde criança evoluiu para uma postura crítica em relação ao Império Britânico e à administração de suas colônias ultramarinas. Um de seus primeiros contos, “*The Hanging*”, publicado em 1931 e escrito em primeira pessoa, reflete a desumanidade das execuções de prisioneiros birmaneses:

It is curious, but till that moment I had never realised what it means to destroy a healthy, conscious man. When I saw the prisoner step aside to avoid the puddle I saw the mystery, the unspeakable wrongness, of cutting a life short when it is in full tide. This man was not dying, he was alive just as we are alive. [...] He and we were a party of men walking together, seeing, hearing, feeling, understanding the same world; and in two minutes, with a sudden snap, one of us would be gone - one mind less, one world less. (ORWELL, 1931)⁵

Após contrair dengue, Eric Blair volta para casa. Na Inglaterra, escreve a novela “*Burmese Days*”, que somente seria publicada em 1935. O romance é basicamente um

³Escolas tipicamente inglesas, em que os alunos dormem e vivem durante todo o semestre.

⁴Autor de “Admirável Mundo Novo” e as “Portas da Percepção”.

⁵“É curioso, mas até aquele momento eu nunca tinha percebido o que é destruir um homem consciente e saudável. Quando vi o prisioneiro evitar a poça d'água, eu vi o mistério, a inexplicável ruindade, de cortar uma vida quando está em franca pulsão. Esse homem não estava morrendo, estava tão vivo quanto nós. [...] Ele e nós éramos um grupo de homens andando juntos, vendo, escutando, sentindo, compreendendo o mesmo mundo; e em dois minutos, com um barulho repentino, um de nós iria embora – uma mente a menos, um mundo a menos.”



libelo contra a autoridade Inglesa. O escritor acreditava que seria necessário garantir liberdade e democracia às colônias, para que o próprio Reino Unido não perdesse sua liberdade e democracia.

Instalado em Londres, Blair começa a estudar a vida e o comportamento dos vagabundos da Inglaterra, decidindo se disfarçar como um e promover “expedições mendicantes”⁶. Utiliza-se da mesma premissa de Jack London em “O Povo do Abismo”(1903, p.12): “What i wish to do is to go down on the East End and see things for myself. I wish to know how those people are living there, and why they are living there, and what they're living for. In short, i am going to live there myself.”⁷

Em 1928, atraído pelo baixo custo de vida da cidade, Eric Blair vai morar num hotel de quinta categoria, em Paris. Lá, empreende sua vida de escritor e colabora com jornais locais. Mas, após receber alta do hospital por conta de uma pneumonia, tem roubada a maior parte de seu dinheiro e pertences. Isso o leva a trabalhar como lavador de pratos em um hotel chique, donde passa a compreender a vida do proletário parisiense. Lá, descobre a barbaridade do gerenciamento de um grande hotel e da submissão hierárquica a que são sujeitos os seus trabalhadores. Após um ano e três meses, tem material suficiente para escrever o romance-reportagem “Na Pior em Paris e Londres” (1933), cujo manuscrito é rejeitado por vários editores (incluindo o escritor T.S. Eliot, que declarou que a obra seria “um risco, do ponto de vista editorial”), até ser publicada por Victor Gollancz, mecenas de escritores politicamente radicais. Blair, com medo da repercussão familiar que teria, caso fossem descobertas suas “expedições mendicantes”, escolhe um pseudônimo, um “nome perfeitamente inglês”, em suas palavras. Nasce George Orwell.

Em 1936, Orwell sai em uma jornada para aprofundar os temas delineados em “Na Pior em Paris e Londres”. Só que desta vez, o objeto de estudo é a condição de vida do proletariado do norte industrial da Inglaterra. Daí nasce “O Caminho Para Wigan Pier”, publicado em 1937, dividido em duas partes. A primeira narra a pesquisa nos moldes empíricos feita pelo autor, que ganhou a confiança de diferentes famílias, penetrando suas casas e suas realidades de oprimidos. A segunda parte, polêmica, procura responder três perguntas simples e essenciais: “são as condições de vida descritas na parte um toleráveis? (não)”; “é o socialismo capaz de melhorar essas condições? (sim)” e “por que então não somos todos nós socialistas?”. Essa última

⁶*Tramping expeditions*, no original.

⁷O que desejo fazer é ir até o East End londrino e ver as coisas por mim mesmo. Desejo ver como as pessoas vivem, porquê vivem, e pelo quê vivem lá. Em resumo, irei viver lá eu mesmo.”



questão é deixada em aberto, mas Orwell deixa claro sua posição de “advogado do diabo”, enquanto socialista. Não hesita em criticar seus pares. Descreve a maneira como alguns “perdem tempo procurando consistência na ortodoxia política”, enquanto falta-lhes “uma decência comum”. Mostra como a glorificação do progresso tecnológico pode cegar os homens, e como a idealização do operariado aliena o socialista do contato com outras camadas da classe trabalhadora. No período entre guerras – donde o comunismo de origem leninista-soviética expande sua influência, e compete por terreno intelectual com o liberalismo e o fascismo – não é estranho que “O Caminho Para Wigan Pier” tenha gerado polêmica.

No final do ano de 1936, estoura a Guerra Civil Espanhola. Orwell, que acompanhava de perto o desenrolar dos acontecimentos, decide se juntar à luta dos Republicanos, e parte para a Espanha. Na Catalunha rebelde, treina nas Barracas Leninistas de Barcelona e parte para o *front* aragonês. Torna-se oficial da milícia do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), e comanda um pelotão de guerrilheiros estrangeiros. Sua mulher, Eileen O'Shaughnessy o visita, trazendo chocolate e chá. Após um longo inverno, Orwell entra para as Brigadas Internacionais a fim de lutar mais perto da capital, Madri. Durante esse período, fica no meio do fogo cruzado das disputas entre as diferentes tendências de esquerda: seu antigo grupo, POUM, é tachado de trotskista pelas facções soviético-stalinistas. Eventualmente retorna ao *front* aragonês, onde é ferido no pescoço por uma bala de *sniper*, é declarado inábil para o combate e volta à Inglaterra para uma demorada recuperação. Lá, trabalha no livro de memórias da Guerra Civil Espanhola, enquanto as forças monarco-fascistas de Franco e a *blitzkrieg* de Hitler estraçalham as última resistência dos divididos republicanos. Em 1938, é publicado “Homenagem à Catalunha”. É diagnosticado com tuberculose, doença incurável à época, que viria a atormentá-lo por toda a vida. Em 1939, explode a Segunda Guerra Mundial e Orwell – que até então defendia uma postura pacifista, contra o rearmamento frente à Alemanha –, adota uma postura de “socialismo-patriota”, entrando na Guarda Nacional. No mesmo ano é publicado o romance “*Coming Up for Air*”.

O período da guerra é crucial na vida de Eric Arthur Blair. Seu anti-estalinismo torna-se mais pronunciado com o falho Pacto Molotov-Ribbentrop⁸. Sua contribuição jornalística atinge o ápice – em 1940 é publicado “Dentro na Baleia”, coleção de

⁸Pacto entre a Alemanha nazista e a União Soviética que previa a divisão da Polônia, após sua invasão. Não se sucedeu.



ensaios literários. O artigo que leva o título, inicialmente uma resenha de “Trópico de Câncer” de Henry Miller, transforma-se em crítica à produção literária da primeira metade do século XX, culminando em uma reflexão do ato de escrever. É contratado como colunista pelo jornal “*The Observer*”, cujos comentários de política e literatura são reunidos no livro “Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra”, postumamente publicado em 2003. Consegue também seu primeiro trabalho “burocrático”, como produtor do programa “*Voice*”, da rádio BBC, destinado ao público da colônia indiana. Em 1943, deixa o posto na corporação pública para virar editor do periódico semanal “*Tribune*”. Começa a trabalhar em uma nova obra de ficção. Sua inspiração inicial vem dos animais que criava no quintal de casa. Em 1945, adota uma criança – seu filho Richard Horatio Blair –, tem sua casa bombardeada durante a *Blitz* nazista em território britânico, e perde a mulher Eileen durante uma cirurgia. Em meio à tragédia, publica “A Revolução dos Bichos”, primeira obra sua a ter sucesso comercial, e um clássico moderno.

No ano seguinte, muda-se para a remota Ilha de Jura, onde cria seu filho. Sua saúde piora cada vez mais. Continua a escrever para diferentes periódicos, procura um novo amor, e começa o rascunho do que viria a ser *Nineteen Eighty-Four*. Cai doente em 1947, e inicia uma peregrinação por hospitais que duraria mais de dois anos. Em junho de 1949, publica “1984”, considerada sua obra prima. Em outubro, casa-se com Sonia Brownell, sua segunda e última esposa, no quarto de hospital. Em 21 de janeiro de 1950, morre Eric Arthur Blair. Sua persona literária – George Orwell –, vive no imaginário da arte.

Obra

Neste artigo, irei me concentrar na obra jornalística de George Orwell. Tendo em vista a exposição excessiva que seu trabalho de ficção tem na mídia, é necessário apresentar ao público brasileiro um lado mais factual das publicações de Eric Arthur Blair. Os romances-reportagem que compõem essa fase da obra foram todos publicados no país, bem como algumas das coletâneas de ensaios. Esses “romances de não-ficção”⁹ são, em ordem cronológica: “Na Pior em Paris e Londres”, “O Caminho para Wigan Pier”, e “Homenagem à Catalunha”. Irei me focar no primeiro livro.

⁹Termo utilizado pelo jornalista literário Truman Capote.



Romance-reportagem

Orwell, como repórter em sua juventude, utilizou-se preferencialmente de suas observações para fundamentar seus trabalhos. “Na Pior em Paris e Londres”, foi concebido a partir das “expedições de mendicância” do autor, que passava dias vagando pela cidade de Londres e seus arredores, conhecendo outros mendigos, e descrevendo a miséria de sua vida. Dizia que, uma vez descoberta a pobreza absoluta, ela “aniquila o futuro” do homem. Toda a sua existência passa a se preocupar com o aqui e o agora, e em como conseguir abrigo e, principalmente, comida. Sobre a fome, Orwell descreve uma sensação alienígena ao leitor habitual de sua obra (que espera-se ser bem-alimentado):

A fome nos reduz a uma condição de estupidez e falta de energia total, mais parecida com os efeitos da gripe do que qualquer outra coisa. É como se nos transformássemos numa água-viva ou como se nosso sangue tivesse sido todo retirado e substituído por água morna. Minha maior lembrança da fome é a inércia completa; e também a necessidade de cuspir com muita frequência, um cuspe curiosamente branco e flocoso, como uma secreção espumosa de inseto. Não sei a razão disso, mas todos que passaram fome vários dias observaram esse fenômeno. (ORWELL, 2003, p.48)

A primeira parte do livro narra as aventuras de Orwell em Paris, enquanto escritor vivendo de pequenos bicos. Por conta da falta de dinheiro, ele é obrigado a vender seus pertences em casas de leilão estatais, e sofre com o funcionalismo público deficiente. Passa a vagar pelas ruas, com uma dieta de pão com margarina e chá fraco, até conseguir emprego no hotel X., donde trabalha como *plongeur*¹⁰. Estão aqui presentes o conflito de classe, a submissão, as contradições do espírito burguês. No capítulo final desta primeira parte, Orwell reflete sobre a vida de um trabalhador como este:

Creio que se deve começar dizendo que o *plongeur* é um escravo da vida moderna. Não que haja necessidade de ter pena dele, pois está em melhor situação do que muitos trabalhadores braçais, mas ainda assim, não é mais livre do que se fosse comprado e vendido. Seu trabalho é servil e sem arte; pagam-lhe apenas o suficiente para mantê-lo vivo; só tem férias quando é demitido. [...] Neste momento, há homens com diploma universitário esfregando pratos em Paris de dez a quinze horas por dia. Não se pode dizer que é mera preguiça deles, pois um homem preguiçoso não pode ser um *plongeur* [...] Se os *plongeurs* pensassem,

¹⁰Gíria parisiense para lavador de pratos.



teriam criado um sindicato há muito tempo e feito greve por um tratamento melhor. Mas eles não pensam, porque não têm tempo para isso; a vida que levam fez deles escravos. (ORWELL, 2003, p. 135-136)

Orwell, como escritor, tinha influência declara de autores realistas, como Gustave Flaubert, Stendhal, Charles Dickens. De fato, é possível classificar os seus primeiros “romances de não-ficção” como vinculados ao Realismo Crítico de Hemingway e John dos Passos, um estilo que se preocupa em representar artisticamente os problemas sociais, mas não necessariamente com um compromisso ideológico (D'ONOFRIO, 1990, p. 433). À época em que escreveu “Na Pior em Paris e Londres”, Eric Blair acabara de voltar da Birmânia, já tendo um forte sentido de justiça social e um certo flerte com o socialismo, mas nada amadurecido como vemos em “Homenagem à Catalunha”. A descrição de ambientes é uma das características naturalistas/realistas que mais salta aos olhos, e podemos encontrá-la na obra de Orwell no seu relato da Rue du Pot de Fer, ficcionalizada como Rue du Coq d'Or, donde ficava o hotel de baixo nível em que morou durante sua estada parisiense. Lá é onde se passa a ação da primeira parte do livro.

Era uma rua muito estreita – , um desfiladeiro de casas altas e leprosas, inclinadas umas em direção às outras de modo estranho, como se tivessem sido congeladas enquanto ruíam. Todas as casas eram hotéis, apinhados até o teto de hóspedes, em sua maioria poloneses, árabes e italianos. No térreo dos hotéis havia bistrôs minúsculos, onde se podia ficar bêbado pelo equivalente a um xelim. Nas noites de sábado, cerca de um terço da população masculina do bairro se embebedava. [...] Era um lugar bem turbulento. Não obstante, em meio ao barulho e à sujeira, viviam os costumeiros comerciantes franceses respeitáveis, padeiros, tintureiros e assemelhados, quietos na deles e acumulando em surdina pequenas fortunas. Era um bairro parisiense miserável bastante característico. (ORWELL, 2003, p.12)

A descrição dos ambientes lembra certamente naturalistas como Flaubert, e a escolha do ambiente insalubre e pitoresco é presente em obras como “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, e “O Povo do Abismo”, de Jack London. Podemos creditar essa influência do Realismo como uma das forças motrizes no trabalho de Orwell – presente até mesmo em sua obra de ficção distópica “1984”. É possível identificar, no texto, os princípios estéticos dessa corrente literária, delineados por Salvatore D'Onofrio (1990, p.383):



1. Compromisso com a verdade: “[...] Visando o particular, o patológico, o anormal, a estética realista retrata o que é, não o que gostaríamos que fosse.”;
2. Interpretação da vida: “[...] O artista realista não apenas documenta a realidade, mas procura compreendê-la, descobrir o sentido das ações e dos temperamentos humanos. Trata-se de uma estética utilitarista [...]”;
3. Contemporaneidade: diferentemente do Romantismo, “o Realismo está preocupado com o aqui e agora. A arte tem que descrever o que acontece nas minas, fábricas, cortiços, cidades, política, negócios, relações conjugais [...]”
4. Ênfase na personagem: a estética realista “privilegia o retrato fiel dos personagens em detrimento da fábula [...]”, em contraponto à opinião Aristotélica de que o enredo deve vir primeiro;
5. Ênfase nos detalhes: a descrição dos pormenores serve “para descobrir as causas psíquicas e circunstanciais que determinam ações, ou para alcançar os meandros dos conflitos existenciais [...]”;
6. Forma coloquial: é necessário falar às massas, por isso “[...] uma linguagem simples, depurada de arcaísmos [...] evitando figuras de estilo difíceis ou obscuras.”;

Supõe-se que personagem-narrador é o próprio George Orwell. Na realidade, há certas discrepâncias entre os acontecimentos. Enquanto que a fome passada foi de veras real, o autor não viveu na completa miséria, pois recebia algum dinheiro escrevendo para jornais parisienses, além de ajuda de uma tia. Segundo a lógica do romance, Orwell volta à Inglaterra após penar como lavador de pratos em um hotel e um bistrô, para ser tutor de uma criança portadora de deficiência. O que se sucede é que a família com quem deveria se hospedar sai em viagem para voltar em um mês. Dessa maneira, o personagem-narrador se vê obrigado a vagar como *tramp*¹¹, pelas ruas, até o retorno de seu pupilo. Em verdade, Orwell realizava suas “expedições mendicantes” por vontade própria, mas nunca chegou a precisar viver dessa maneira para sobreviver. Ele morava confortavelmente em um apartamento da Portobello Road, e essas experiências se sucederam cronologicamente antes de o autor se mudar para a França. Dessa maneira, identifica-se uma qualidade particular do Jornalismo Literário: é difícil, para o leitor,

¹¹Vagabundo, mendigo.



saber quando o escritor está descrevendo a realidade factual, ou quando faz concessões artísticas para prover uma linha de continuidade lógica ao enredo do romance. De todo caso, os realistas tendem muito mais à metonímia¹² do que à metáfora¹³: é melhor fazer de um personagem ou de um acontecimento um exemplo, algo que possa ser entendido de maneira universal, do que tratá-lo como um acontecimento causal e isolado. Um exemplo é o personagem Bozo, mendigo-artista que ganha a vida fazendo caricaturas com tinta na calçada do Embankment, às margens do rio Tâmisa. Segundo o próprio autor, ele é muito mais uma amálgama de algumas pessoas com que conviveu, do que uma pessoa apenas. Orwell busca, ao utilizar o recurso da metonímia, representar muito mais um *tipo humano*, com suas características essenciais, do que um indivíduo em especial. É interessante notar que, ao passo que para o jornalismo corrente – que encara a objetividade e o *fact-checking* como pilares de um modo de produção –, esse recurso é absolutamente abominável, ele de fato se encaixa bem na proposta do Novo Jornalismo de Tom Wolfe e Hunter S. Thompson, onde é mais importante *pôr em pauta um problema*, ou provar um argumento. De qualquer maneira, é também uma necessidade estilística. Enquanto um personagem real pode não ser tão interessante do ponto de vista do *plot*, juntá-lo a outros, ou atribuir a ele qualidades pode resolver os problemas de um enredo frouxo.

A segunda parte, fruto da observação e da experiência do modo de vida de um vagabundo, tem trechos fortíssimos. A impressão geral que se têm, quando lê-se o livro, é a de uma descida progressiva ao inferno. O começo, em Paris, é pitoresco e deveras alegre, até que a perda da fonte de renda e a posterior vida de proletário fazem o autor sentir na pele a jornada de doze, catorze horas a que estavam sujeitos os trabalhadores da época. Mas é na segunda parte, em Londres, que Orwell sofre todos os preconceitos e humilhações possíveis, daqueles que são considerados verdadeiros párias da sociedade. Uma cena, que descreve uma inspeção médica realizada em um dos albergues de passagem em que o autor dormia, remete-nos à imagem dos campos de concentração nazistas:

Nus e tremendo de frio, nos enfileiramos no corredor. É impossível imaginar que vira-latas degenerados e arruinados parecíamos, ali de pé, sob a luz implacável da manhã. As roupas de um mendigo são ruins, mas elas escondem coisas muito piores. Para vê-lo como ele realmente é, sem atenuantes, é preciso vê-lo nu. Pés chatos, pançudos, peitos encovados, músculos frouxos – todo tipo de deterioração física estava

¹²Uso de uma característica ou nome de objeto para se referir ao todo de um objeto.

¹³Uso de uma palavra ou frase para se referir à algo que não o é, invocando uma similaridade.



ali. Quase todos estavam subnutridos e alguns claramente doentes. [...] A inspeção tinha por único objetivo detectar a varíola e não dava atenção para nosso estado geral. Um jovem estudante de medicina, fumando um cigarro, percorreu rapidamente a fileira, dando uma olhada em nós de alto a baixo, sem perguntar se alguém estava bem ou doente. Quando meu companheiro de cela se despiu, notei que seu peito estava coberto de erupções vermelhas e, tendo passado a noite a alguns centímetros dele, entrei em pânico achando que fosse varíola. Porém, o médico examinou as erupções e disse que se deviam apenas à subnutrição. (ORWELL, 2003, p. 171-172)

Ainda sobre a vida de mendicância, George Orwell procura desmistificar as “verdades” mais propagadas. O vagabundo vaga porque não tem para onde ir. Ao mesmo tempo, é impedido pela lei britânica de pedir dinheiro ou de dormir na rua. Dessa maneira, tem que sobreviver da venda de pequenas bugigangas, ou como artista de rua. Precisa dormir nos terríveis albergues de passagem, e mesmo assim só pode ficar uma noite. Ele não rouba, nem briga, bem bebe, pois não tem o estômago ou os bolsos cheios o suficiente. É ignorado pelas mulheres, não podendo se casar, e desenvolvendo perversões sexuais. O próprio sistema o faz se manter na vida de mendigo. Orwell nos mostra brilhantemente como uma abordagem empírica, calcada na experiência e na observação, pode ser esclarecedora e desmistificadora. Ela traz a Ilustração ao obscurantismo, que dessa vez não é medieval, e sim burguês. O mendigo – ou lumpemproletário, como diria Karl Marx –, não é “marginalizado”. Ele vive sim, no sistema capitalista, mesmo que como um parasita, que não pode contribuir à sociedade, porque não são criadas oportunidades para isso.

Finalmente, podemos identificar no primeiro trabalho publicado de Orwell várias características que seriam recorrentes em toda a sua obra: a opressão do cidadão pela autoridade (neste caso, burguesa); o socialismo democrático, mesmo que latente; a influência da forma naturalista/realista, da linguagem simples e direta; a abordagem empiricista e esclarecedora; a crítica ao sistema capitalista.

Orwell foi um jornalista durante uma época em que os escritores procuravam nos periódicos uma maneira de ganhar a vida mais regularmente. Para o jornalismo, as contribuições resultantes dessa pareceria foram enormes. Os romancistas, ao aliar sua linguagem literária com a reportagem factual criaram novas possibilidades, não só estilísticas, mas também discursivas, para o *métier*. Hoje, em tempos de internet e notícias-pílula, a profundidade e a qualidade do texto vai se dissolvendo, em favor do imediatismo e do superficial. Exemplos como o de George Orwell são imprescindíveis para manter a chama do Jornalismo Literário acesa.



REFERÊNCIAS

Livros:

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. Segunda edição, São Paulo: Editora Ática, 1990.

ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. Londres: Penguin, 1971. (Em inglês)

ORWELL, George. *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

E-books:

ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. Disponível em <http://ca.isohunt.com/download/73204489/george+orwell.torrent> (Em inglês).

Sites:

http://en.wikipedia.org/wiki/George_orwell (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)

http://en.wikipedia.org/wiki/The_Road_to_Wigan_Pier (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)

http://en.wikipedia.org/wiki/Down_and_Out_in_Paris_and_London (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)

http://en.wikipedia.org/wiki/Burmese_Days (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)

http://en.wikipedia.org/wiki/Homage_to_Catalonia (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)

<http://en.wikipedia.org/wiki/Orwellian> (Em inglês. Acesso em 12/05/2011)